

MAPEAMENTO DA DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DE VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS DO PERÍODO ESCRAVISTA NO MUNICÍPIO DE PELotas, RS (BRASIL)

MARCELO GARCIA DA ROCHA ¹; GIL PASSOS DE MATTOS ¹; LÚCIO MENEZES FERREIRA ²

¹ Programa de Pós graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural - ICH - UFPEL;
marcelogarcia7@hotmail.com ¹ Discente Curso de Geografia Bacharelado - ICH-UFPEL

² Prof. Dr. Departamento de Antropologia e Arqueologia – ICH-UFPEL; (bolsista de produtividade – CNPq)
luciomenezes@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho norteia-se sobre a análise espacial de estruturas arqueológicas referente ao período da escravidão em Pelotas (1780-1888), isto é, na investigação da distribuição espacial de vestígios arqueológicos. Para tal aplicam-se observações das transformações da paisagem, da história e do contexto político-econômico, em âmbitos local, regional, nacional e global. O processo de diáspora africana repercutiu por boa parte do globo, majoritariamente na faixa conhecida como Atlântico Negro (termo empregado para referenciar os processos de grandes fluxos de escravos vindos de África para o continente americano), contexto em que Pelotas, com suas especificidades, esta inserida.

Trata-se aqui de um trabalho multidisciplinar, vinculado ao projeto de pesquisa: *O Pampa Negro: Arqueologia da Escravidão na Região Meridional do Rio Grande do Sul (1780-1888)*, coordenado pelo Dr. Lúcio Menezes Ferreira, da Universidade Federal de Pelotas. Do referido projeto participam também outros docentes e alunos colaboradores do Laboratório Multidisciplinar de Investigação Arqueológica (LAMINA). A pesquisa aqui apresentada destaca-se a estreita relação entre a Arqueologia, Geografia e Conservação e Restauro áreas de atuação dos integrantes, contando com o apoio das TIEs (Tecnologias da Informação Espacial) tendo como base um banco de dados em SIG (Sistemas de Informações Geográficas).

As investigações em arqueologia da escravidão como disciplina da arqueologia histórica se deram nos Estados Unidos da América - EUA, entre as décadas de sessenta e setenta do século passado, no estudo das *plantations* (FERREIRA, 2009), em parte é fruto de uma pressão exercida pelos movimentos sociais que se apropriaram das pesquisas referentes a grupos subalternos, em especial, o movimento negro. (SINGLETON, 1995).

No Brasil as pesquisas que se debruçam sobre arqueologia da escravidão estão geralmente ligadas a espaços de resistência escrava: conhecidos como quilombos. Aparecem no fim dos anos 1970 com os trabalhos de Carlos Magno Guimarães e Anna Lúcia Lamna (1980), em Minas Gerais, intitulados: ***Arqueologia de Quilombos em Minas Gerais (1980) e O Quilombo do Ambrózio: Lendas, Documentos e Arqueologia (1990)***, projetando inicialmente o que mais tarde na década de 1990, ganhariam notoriedade até fora do país com as pesquisas desenvolvidas por Pedro Paulo Funari, Charles Orser Jr. e Scott Allen (1990), no **Quilombo dos Palmares**, situado na Serra da Barriga em Alagoas. Camila Agostini (1998) observa a decoração de cunho étnico da cultura material de escravos (cachimbos) enquanto marca de resistência impressa frente a organização social da escravidão que esses indivíduos eram submetidos. Luiz Claudio Pereira Symanski e Marcos André Torres de Souza lançam mão do estudo da paisagem em engenhos no Mato Grosso, observando uma relação de radiação da cultura material no espaço. (SYMANSKI; SOUZA, 2007, FERRERA, 2009).

Nossa proposta de investigação da espacialidade concebida dentro do sistema social da escravidão em Pelotas orienta-se pela ótica do espaço enquanto meio físico e simbólico de relação humana: sendo ele físico por se tratar de um meio-ambiental onde se constrói a interação humana, e concomitante simbólico, pois são as relações humanas (espaço, pensamento e sociedade) entre indivíduos e grupos sociais que caracteriza o espaço enquanto meio passível de ação humana. (BOADO, 1991, 1999).

2. MATERIAL E MÉTODOS

Ao entender essa premissa do espaço iniciamos um trabalho de observação do comportamento sócio-espacial do período relativo a escravidão em Pelotas, através de análises em fontes históricas para compreender como a concepção de espaço se apresenta, possibilitando assim uma visualização hipotética, pois estará ela ligada a registros que se localizam confeccionados dentro de um tempo e espaço ao qual se conecta a toda uma gama ideológica do momento na qual foram produzidos, um *modus vivendi* sedimentado na mão de obra escrava.

Os arquivos estaduais e municipais são periodicamente investigados, fomentando a geração de informações que alimentam um banco de dados, no qual se concentram os primeiros esforços que aqui chamaremos de fase prévia à de levantamento de campo.

Nessa etapa são observados e selecionados atributos que podem ser importantes para a alimentação do banco de dados: a quantidade de escravos que certa propriedade continha, a origem dos mesmos, a qualificação dos trabalhos executados, os produtos e quantidades produzidas, o perfil do proprietário, as descrições sobre a dimensão da propriedade, a distribuição de prédios na mesma, a observação de elementos físicos da paisagem, o estilo arquitetônico característico do período, entre outras minúcias que os documentos e fontes em geral podem fornecer.

As informações levantadas nas pesquisas das fontes acima citadas servem de “matéria-prima” para um segundo processo, a confecção de um Sistema de informação Geográfica – SIG. São inseridos dados vetoriais e matriciais principalmente do município de Pelotas, e de outras regiões, possibilitando a conexão da cidade em um contexto regional/fronteiriço, tendo em vista que a indústria do charque não se conteve aos limites geopolíticos do Brasil, extrapolando divisas e atingindo terras uruguaias e argentinas.

O levantamento de campo é caracterizado pela visualização da superfície espacial, onde informações são extraídas funcionando como fontes que continuam a alimentar a geração de novos SIGs. Essa fase se mostra como um momento de canalização de dados que são transformados em leituras cartográficas, ou seja, mapas, possibilitando ainda um cruzamento de atributos oriundos de fontes distintas, informações iniciais provindas da primeira etapa (fontes escritas, pintadas e relatos orais), conjugadas a observações de campo. O processo de confecção de SIGs nesse caso se dá por uma conversão da linguagem documentada (fonte escrita, pintada, fotografada, verbalizada), para uma linguagem cartográfica, servindo de leitura para entender de que maneira os espaços se comportam e se transformam no tempo e no espaço.

Para a compreensão da paisagem utilizamos dados do ambiente físico, como vegetação, relevo, hidrografia, solos e geologia e expansão da malha urbana de Pelotas. Esta interpretação da paisagem subsidia a compreensão do modo de organização sócio-ambiental do sistema produtivo charqueador, pode

possibilitar a concepção da estrutura de dominação. As formas de resistência foram várias, como exemplo, os quilombos, os quais estão sendo mapeados a partir de fontes cartográficas. Os SIGs utilizados foram ArqGis, TerraView e SPRING, o Google Earth também foi utilizado como uma ferramenta de amparo.

A observação das espécies de flora pode ser um deles, esse procedimento pode servir de base para estudos de botânica aplicada ao cotidiano da charqueada.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para tal procedimento, observamos a dinâmica histórica do município frente a uma série de processos, sendo esses, políticos (emancipação de regiões), sociais e econômicos que influenciaram diretamente na espacialidade e morfologia da cidade. Também contemplamos a área de planície e serra/encosta nas quais se caracteriza a morfologia do que hoje entendemos como Pelotas.

No caso da Charqueada Santa Bárbara, local que ainda se encontra em estudo, foram georeferenciadas (localização as coordenadas dentro do espaço estudado) as unidades de escavação (quadrículas e sondagens), trasladando informações levantadas em sítio para o laboratório a fim da conversão em o SIGs, contado ainda com dados da topografia e informações do caderno de campo sistematizadas pela equipe do curso de Conservação e Restauro responsáveis pelos procedimentos de conservação preventiva e curativa dos vestígios matérias resultantes da escavação, constituindo diversos planos de informações.

Observamos a seguir a concepção de um mapa temático que relaciona os espaços da produção charqueadora no ambiente que segundo a historiografia e ainda hoje é conhecido como: Passo dos Negros, inicialmente chamado de passo Rico, o local pode ser considerado como uma das primeiras aglomerações comerciais daquilo que mais tarde viria a ser Pelotas, chegando a ter um projeto para a povoação com seis quarteirões, não se concretizando em virtude da não aprovação por parte dos produtores que não aceitaram estabelecer seus domicílios frente a um ambiente de forte tráfego de escravos, caracterizando sua nomenclatura atual: O Passo dos Negros. (GUTIERREZ, 2001).

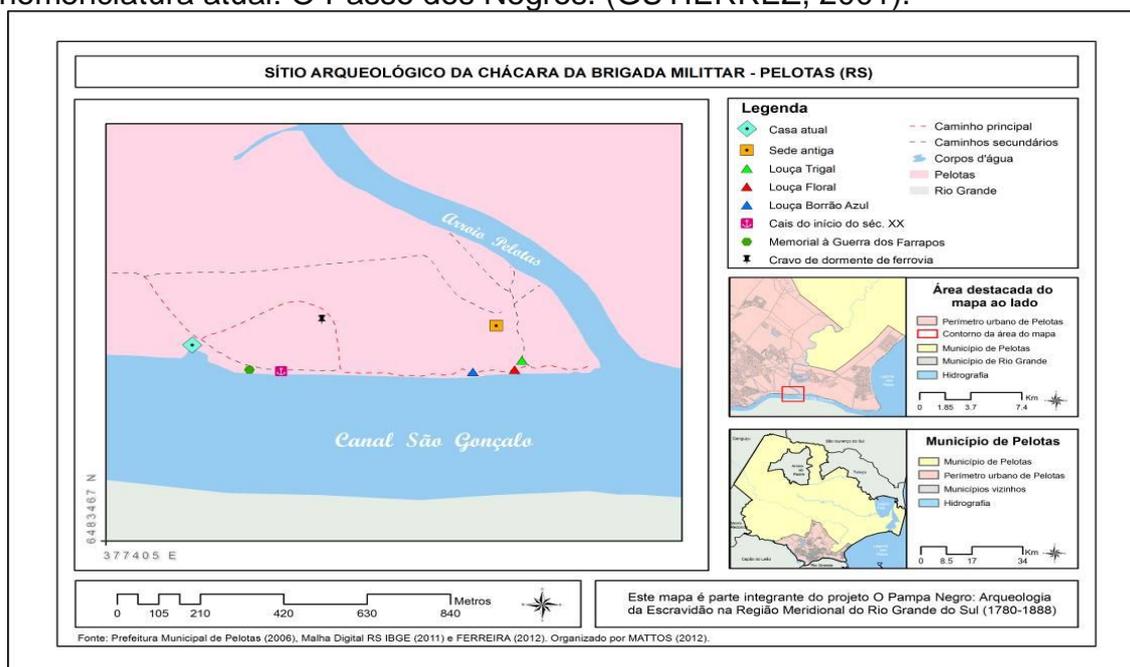


Figura 1. Concepção de visualização física do espaço e localização de indícios arqueológicos

4. CONCLUSÕES

Neste um ano (2012) dedicado a este trabalho consideramos terem ocorrido grandes avanços em relação à temática estudada e no abastecimento de dados no SIG. Mesmo assim, temos consciência de que a muito ainda a ser feito.

Os SIGs confeccionados até então devem servir de ferramentas para observação do comportamento físico das estruturas, dessa maneira poderíamos acessar os dados levantados para termos visões das dinâmicas que se apresentam enquanto fruto da convenção social do período da escravidão em Pelotas, funcionando como indicador das relações simbólicas de dominação impressa nos aspectos físicos das estruturas (indústria do charque) analisadas.

Podemos constatar que essa ferramenta se mostrou como uma valiosa contribuição para a arqueologia da escravidão, auxiliando no entendimento e reconhecimento do modo de vida dos escravos, no trabalho de orientação em campo e também no preenchimento de certas lacunas, quando a cultura material é escassa ou de difícil acesso.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINI, C. Resitência Cultural e Reconstrução de Identidades: Um olhar sobre a cultura material de escravos do século XIX. In: **Revista de História Regional**. Ponta Grossa. 1998. v.3 n.2 p.115-137.

BOADO, F, C. Construcción social del espacio y reconstrucción arqueológica Del paisaje. In: **Boletín de Antropología Americana**. México: Instituto Panamericano de Geografía e História, 1991. Cap.1, p.05–.29.

BOADO, F. C. Construcción del Terreno ao Espacio: Planteamientos y Perspectivas para La Arqueología del Paisaje. In: **Criterios y Convenciones en Arqueología del Paisaje**. Santiago de Compostela: Grupo de Investigación en Arqueología del Paisaje, Universidade de Santiago de Compostela, 1999.

FERREIRA, Lúcio M. O Pampa Negro: Arqueologia da Escravidão na Região Meridional do Rio Grande do Sul (1780-1888). In: **projeto de pesquisa**. UFPEL, 2009.

GUTIERREZ, Éster J. B. **Negros, Charqueadas e Olarias. Um estudo sobre o espaço pelotense**. 2 ed. Pelotas: Ed. Universitária/UFPEL, 2001.

SINGLETON, T. The Archaeology of Slavery in North America. **Annual Review of Anthropology**, (24): 1995, pp.119-140.

SYMANSKI, L, C. O Domínio da Tática: Práticas religiosas de origens africanas nos engenhos de Chapadas dos Guimarães-MG. In: Vestígios – **Revista Latino-americana de Arqueologia Histórica**. Belo Horizonte. 2007. v.1 n.2

VILLAFANEZ, E, A. Entre la geografía y la arqueología: El espacio como objeto y representación. In: **Revista de Geografía Norte Grande**, Santiago - Chile, n.50, p. 135-150, 2011.